Sonetos Amorosos

CXXI

Dizei, Senhora, de Beleza ideia,
Para fazerdes esse áureo crino,
Onde fostes buscar esse ouro fino?
De que escondia mina ou de que veia?

Dos vossos olhos essa luz febeia,
Esse respeito, de um império dino?
Se o alcançastes com saber divino,
Se com encantamentos de Medeia?

De que escondidas conchas escolhestes
As perlas preciosas orientais
Que, falando, mostrais no doce riso?

Pois vos formastes tal como quisestes,
Vigiai-vos de vós, não vos vejais,
Fugi das fontes; lembre-vos Narciso.

Sonetos Amorosos

CXXII

Na ribeira do Eufrates assentado,
Discorrendo me achei pela memória
Aquele breve bem, aquela glória,
Que em ti, doce Sião, tinha passado.

Da causa de meus males perguntado
Me foi: "Como não cantas a história
De teu passado bem, e da vitória
Que sempre de teu mal hás alcançado?

Não sabes que, a quem canta, se lhe esquece
O mal, ainda que grave e rigoroso?
Canta, pois, e não chores dessa sorte".

Respondi com suspiros: "Quando cresce
A muita saudade, o piedoso
Remédio é não cantar senão a morte".

Sonetos Amorosos

CXXIII

Quando se vir com água o fogo arder,
E misturar co dia a noite escura,
E a terra se vir naquela na altura,
Em que se vêem os Céus prevalecer;

O Amor por Razão mandado ser,
E a todos ser igual nossa ventura,
Com tal mudança, vossa formosura,
Então a poderei deixar de ver.

Porém não sendo vista esta mudança
No mundo (como claro está não ver-se),
Não se espere de mim deixar de ver-vos.

Que basta estar em vós minha esperança,
O ganho de minh'alma e o perder-se,
Para não deixar nunca de querer-vos.

Sonetos Amorosos

CXXIV

Chorai, Ninfas, os fados poderosos
Daquela soberana formosura!
Onde foram parar na sepultura
Aqueles reais olhos graciosos?

Ó bens do mundo, falsos e enganosos!
Que mágoas para ouvir! Que tal figura
Jaze sem resplendor na terra dura,
Com tal rosto e cabelos tão formosos!

Das outras que será, pois poder teve
A morte sobre coisa tanto bela,
Que nela eclipsava a luz do claro dia?

Mas o mundo não era digno dela,
Por isso mais na terra não esteve,
Ao Céu subiu, que já se lhe devia.

Sonetos Amorosos

CXXV

Ai immiga cruel, que apartamento
É este que fazeis da pátria terra?
Quem do paterno ninho vos desterra
Glória dos olhos, bem do pensamento?

Is tentar da Fortuna o movimento,
E dos ventos cruéis a dura guerra?
Ver brenhas de ondas, e o mar feito em serra,
Levantado de um vento e de outro vento?

Mas já que vos partis, sem vos partirdes,
Parta convosco o Céu tanta ventura,
Que seja mor que aquela que esperardes.

E só nesta verdade ide segura,
Que ficam mais saudades, com partirdes,
Do que breves desejos de chegardes.

Sonetos Amorosos

CXXVI

Senhora já dest'alma, perdoai
De um vencido de Amor os desatinos,
E sejam vossos olhos tão beninos
Com este puro amor, que d'alma sai.

A minha pura fé somente olhai,
E vede meus extremos se são finos;
E se de alguma pena forem dinos,
Em mim, Senhora minha, vos vingai.

Não seja a dor, que abrasa o triste peito,
Causa por onde pene o coração,
Que tanto em firme amor vos é sujeito.

Guardai-vos do que alguns, Dama, dirão,
Que, sendo raro em tudo vosso objeito,
Possa morar em vós ingratidão.

Sonetos Amorosos

CXXVII

Quem vos levou de mim, saudoso estado,
Que tanta sem-razão comigo usastes?
Quem foi? Por quem tão presto me negastes,
Esquecido de todo o bem passado?

Trocastes-me um descanso em um cuidado
Tão duro, tão cruel, qual me ordenastes,
A fé, que tínheis dado, me negastes,
Quanto mais nela estava confiado.

Vivia sem receio deste mal,
Fortuna, que tem tudo à sua mercê,
Amor com desamor me resolveu.

Bem sei que neste caso nada vale,
Que, quem nasceu chorando, justo é,
Que pague com chorar o que perdeu.

Sonetos Amorosos

CXXVIII

Doce sonho, suave e soberano,
Se por mais longo tempo me durara!
Ah! quem de sonho tal nunca acordara,
Pois havia de ver tal desengano!

Ah! deleitoso bem! ah! doce engano,
Se por mais largo espaço me enganara!
Se então a vida mísera acabara,
De alegria e prazer morrera ufano.

Ditoso, não estando em mim, pois tive,
Dormindo, o que acordado ter quisera.
Olhai com que me paga meu destino!

Enfim, fora de mim, ditoso estive.
Em mentiras ter dita razão era,
Pois sempre nas verdades fui mofino.

Sonetos Amorosos

CXXIX

Diana prateada, esclarecia
Com a luz que do claro Febo ardente,
Por ser de natureza transparente,
Em si, como em espelho, reluzia.

Cem mil milhões de graças lhe influía,
Quando me apareceu o excelente
Raio de vosso aspecto, diferente
Em graça e em amor do que soía.

Eu, vendo-me tão cheio de favores
E tão propinco a ser todo vosso,
Louvei a hora clara, e a noite escura,

Pois nela destes cor a meus amores
Donde colijo claro que não posso
De dia para vós já ter ventura.

Sonetos Amorosos

CXXX

Enquanto Febo os montes acendia
Do Céu com luminosa claridade,
Por evitar do ócio a castidade,
Na caça o tempo Délia dispendia.

Vénus, que então de furto descendia,
Por cativar de Anquises a vontade,
Vendo Diana em tanta honestidade,
Quase zombando dele, lhe dizia:

“Tu vais com tuas redes na espessura
Os fugitivos servos enredando;
Mas as minhas enredam o sentido.”

“Melhor é — respondia a deusa pura —
Nas redes leves cervos ir tomando
Que tomar-te a ti nelas teu marido”.

Sonetos Amorosos

CXXXI

Ah minha Dinamene assim deixaste
Quem não deixara nunca de querer-te!
Ah, Ninfa minha, já não posso ver-te!
Tão asinha esta vida desprezar-te!

Como já para sempre te apartaste
De quem tão longe estava de perder-te?
Puderam estas ondas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste?

Nem falar-te somente a dura Morte
Me deixou, que tão cedo o negro manto
Em teus olhos deitado consentiste!

Ó mar! Ó céu! Ó minha escura sorte!
Qual vida sentirei, que valha tanto,
Se ainda tenho por pouco o viver triste?

Sonetos Amorosos

CXXXII

Ó rigorosa ausência receada
De mim sempre, mas nunca conhecida,
Saudade outro tempo tão temida,
Como em meu dano agora experimentada.

Já rigorosamente começada
Tendes vossa esperança em minha vida
Mas tanto que já temo que, de oprimida,
Sejais com ela mui cedo ou acabada.

Os dias mais alegres me entristecem;
As noites, com cuidados as desconto
Em que, sem vós, sem conto me parecem.

Em desejo e esperança as horas conto;
Mas com a vida enfim eles falecem.
Nem me posso valer de assistir pronto.

Sonetos Amorosos

CXXXIII

Num tão alto lugar, de tanto preço,
Este meu pensamento posto vejo,
Que desfalece nele ainda o desejo,
Vendo quanto por mim o desmereço.

Quando esta tal baixeza em mim conheço,
Acho que cuidar nele é grão despejo,
E que morrer por ele me é sobejo
E mor bem para mim do que mereço.

O mais que natural merecimento
De quem me causa um mal tão duro e forte
O faz que vá crescendo de hora em hora.

Mas eu não deixarei meu pensamento,
Porque, inda que este mal me causa a morte,
Um bel morir tutta la vita onora.

Sonetos Amorosos

CXXXIV

Quando a suprema dor muito me aperta,
Se digo que desejo esquecimento,
E força que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta.

Assim, de erro tão grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Que mostra ser engano ou fingimento
Dizer que em descanso mais se acerta.

Porque essa própria imagem, que na mente
Me representa o bem de que careço,
Faz-mo de um certo modo ser presente.

Ditosa é logo a pena que padeço,
Pois que da causa dela em mim se sente
Um bem que, inda sem ver-vos, reconheço.

Sonetos Amorosos

CXXXV

Se como em tudo o mais, fostes perfeita;
Fôreis de condição menos altiva,
Vida pode esperar esta cativa
Vida, que a vossos pés morta se deita.

Mas quanto de vós vê, quanto suspeita,
Estorvos são para que mais não viva;
E, para maior mal, a morte esquiva,
Vendo que me enjeitais, também me enjeita.

Se nisto contradiz vossa vontade,
Mandai-lhe vós, Senhora, que dê fim
À vida tão cercada de tristeza;

Pois ela não o faz por piedade
Que tenha do meu mal, mas porque em mim
Vivendo, farteis vós vossa crueldade.

Sonetos Amorosos

CXXXVI

O tempo acaba o ano, o mês e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza;
O tempo acaba a fama e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora.

O tempo busca e acaba onde mora
Qualquer ingratidão, qualquer dureza;
Mas não pode acabar minha tristeza,
Enquanto não quiserdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste;
O tempo, a tempestade em grã bonança.

Mas de abrandar o tempo estou seguro
O peito de diamante, onde consiste
A pena e o prazer desta esperança.

Sonetos Amorosos

CXXXVII

Posto me tem fortuna em tal estado,
E tanto a seus pés me tem rendido!
Não tenho que perder já, de perdido,
Não tenho que mudar já, de mudado.

Todo o bem para mim é acabado;
Daqui dou o viver já por vivido;
Que, aonde o mal é tão conhecido,
Também o viver mais será escusado.

Se me basta querer, a morte quero,
Que bem outra esperança não convém,
E curarei um mal com outro mal.

E pois do bem tão pouco bem espero,
Já que o mal esse só remédio tem,
Não me culpem em querer remédio tal.

Sonetos Amorosos

CXXXVIII

Lembranças, que lembrais meu bem passado
Para que sinta mais o mal presente;
Deixai-me, se quereis, viver contente,
Não me deixeis morrer em tal estado.

Se também de tudo está ordenado
Viver, como se vê, tão descontente,
Venha, se vier, o bem por acidente,
E dê morte fim a meu cuidado.

Que muito melhor é perder a vida,
Perdendo-se as lembranças da memória,
Pois tanto dano faz ao pensamento.

Assim que nada perde quem perdida
A esperança traz de sua glória,
Se esta vida há-de ser sempre em tormento.

Sonetos Amorosos

CXXXIX

Doce contentamento já passado,
Em que todo o meu bem só consistia,
Quem vos levou de minha companhia,
E me deixou de vós tão apartado?

Quem cuidou que se visse neste estado
Naquelas breves horas de alegria,
Quando minha ventura consentia
Que de enganos vivesse meu cuidado?

Fortuna minha foi cruel e dura
Aquela que causou meu perdimento,
Com a qual ninguém pode ter cautela.

Nem se engane nenhuma criatura,
Que não pode nenhum impedimento
Fugir o que lhe ordena sua estrela.

Sonetos Amorosos

CXL

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em uns tão longos dias de tormento.

As altas torres, que fundei no vento,
O vento as levou logo, que as sustinha;
Do mal, que me ficou, a culpa é minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Amor com falsas mostras aparece;
Tudo possível faz, tudo assegura
E logo, no melhor, desaparece.

Eu o quis, pois o quis minha Ventura,
Que, gemendo e chorando, conhecesse,
Quão fugitivo ele é, quão pouco dura.